ISSN: 2358-8829

SEMÂNTICA ARGUMENTATIVA E PRÁTICA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E APLICABILIDADES

Camila Beatriz Balbino dos Santos [1]
Maria Raquel dos Santos Félix [2]

INTRODUÇÃO

A argumentação ocupa lugar fundamental nas práticas sociais de linguagem, uma vez que os sujeitos mobilizam recursos linguísticos para apresentar perspectivas, justificar posicionamentos e orientar a construção de sentidos. Nessa perspectiva, argumentar não significa apenas defender explicitamente uma opinião ou buscar o convencimento do interlocutor, pois a argumentatividade participa do próprio funcionamento da língua e das diferentes formas de interação verbal. Essa compreensão fundamenta-se na Teoria da Argumentação na Língua (TAL), desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, segundo a qual a orientação argumentativa está inscrita na organização linguística dos enunciados. Assim, as escolhas lexicais e os mecanismos enunciativos não são neutros, mas participam da produção dos sentidos e orientam as possibilidades de interpretação.

No ensino de língua portuguesa, essa perspectiva amplia as possibilidades da análise linguística (AL), sobretudo quando articulada às práticas de leitura, produção textual e oralidade. Em vez de se limitar à identificação e à classificação de estruturas, a reflexão linguística passa a considerar os efeitos de sentido produzidos pelas escolhas dos sujeitos em diferentes situações discursivas. Operadores argumentativos, modalizadores, pressupostos e mecanismos polifônicos constituem, nesse contexto, fenômenos relevantes para compreender como os textos apresentam pontos de vista e orientam interpretações.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo discutir as contribuições da Semântica Argumentativa para as práticas de análise linguística no ensino de línguas, relacionando os pressupostos da TAL aos estudos de Nascimento e às possibilidades de

[1] Mestranda em Linguística pelo Proling (UFPB), camilabeatriz.balbino@gmail.com;
[2] Mestranda em Linguística pelo Proling (UFPB),felixraquel322@gmail.com.

abordagem desses conhecimentos na educação básica. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, descritiva e qualitativa, fundamentando-se nos estudos de Ducrot (1987, 1988), Carel e Ducrot (2005), Nascimento (2015, 2018), Bastos e Nascimento (2023), entre outros, além de considerar orientações dos documentos curriculares oficiais.

Além desta introdução, o artigo apresenta os fundamentos teóricos da Semântica Argumentativa, discute a relação entre análise linguística e argumentatividade e aborda as contribuições dessa perspectiva para o ensino de línguas, encerrando-se com as considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O interesse pela argumentação acompanha historicamente os estudos sobre a linguagem. Na tradição clássica, especialmente entre os gregos, a Retórica consolidou-se como campo de reflexão sobre os procedimentos utilizados na construção de discursos voltados ao convencimento e à persuasão. Em uma sociedade na qual a participação nas assembleias e nos tribunais exigia a defesa pública de posicionamentos, o domínio da palavra assumia importância significativa para a atuação dos cidadãos.

Aristóteles (2007), ao sistematizar os estudos retóricos, estabeleceu três dimensões fundamentais para a construção da persuasão: o ethos, relacionado à imagem e à credibilidade daquele que enuncia; o pathos, referente às disposições e emoções mobilizadas no auditório; e o logos, associado à organização do raciocínio e aos elementos apresentados pelo discurso. Essa sistematização contribuiu para o desenvolvimento de diferentes abordagens da argumentação, sobretudo por evidenciar que a produção de sentidos persuasivos envolve tanto a organização discursiva quanto as relações estabelecidas entre os participantes da interação.

Posteriormente, no século XX, Perelman e Olbrechts-Tyteca (1999) retomaram os estudos retóricos, desenvolvendo a chamada Nova Retórica. Nessa perspectiva, a argumentação passa a ser compreendida a partir dos processos discursivos pelos quais um orador busca obter a adesão de determinado auditório. A noção de auditório assume papel relevante, pois a construção argumentativa considera os conhecimentos, os valores e os acordos compartilhados por aqueles a quem o discurso se dirige.

Embora essas contribuições sejam fundamentais para a compreensão histórica da argumentação, a perspectiva desenvolvida por Ducrot desloca o centro da discussão. Em vez de investigar prioritariamente os mecanismos utilizados pelos sujeitos para

ISSN: 2358-8829

convencer seus interlocutores, a Teoria da Argumentação na Língua volta-se para o funcionamento da própria estrutura linguística, procurando compreender de que maneira os elementos da língua orientam os sentidos dos enunciados.

Essa mudança representa uma contribuição significativa para os estudos linguísticos, pois permite compreender a argumentação como um fenômeno que não depende exclusivamente de uma intenção persuasiva explícita. Enquanto as abordagens retóricas se concentram nos procedimentos discursivos de convencimento, a Semântica Argumentativa investiga as relações semânticas inscritas na língua e os encaminhamentos discursivos que elas possibilitam.

A Teoria da Argumentação na Língua, formulada por Ducrot e Anscombre, estabelece uma compreensão da linguagem segundo a qual a argumentatividade constitui uma propriedade inerente ao sistema linguístico. Inspirada em pressupostos estruturalistas, especialmente na concepção saussuriana de que o valor das unidades linguísticas se estabelece pelas relações que mantêm entre si, a teoria propõe que o sentido não pode ser compreendido isoladamente, tampouco explicado exclusivamente pela correspondência entre as palavras e a realidade extralinguística.

Barbisan (2013) destaca a relação entre a Semântica Argumentativa e o estruturalismo saussuriano, sobretudo no que se refere à importância das relações de alteridade para a constituição dos valores linguísticos. Entretanto, Ducrot amplia essa perspectiva ao atribuir à argumentação um papel constitutivo no funcionamento da língua. Desse modo, a orientação argumentativa deixa de ser entendida como uma característica acrescentada ao discurso em determinadas situações e passa a integrar a própria organização semântica dos enunciados.

Para Ducrot (1988), o valor argumentativo de uma palavra corresponde à orientação que seu emprego imprime ao discurso. Isso significa que a escolha de determinado elemento lexical não apenas caracteriza aquilo sobre o que se fala, mas também estabelece limites e possibilidades para a continuidade discursiva. As palavras, portanto, não são intercambiáveis sem consequências para a produção dos sentidos, pois cada escolha favorece determinados encaminhamentos e dificulta outros.

Bastos e Nascimento (2023), ao discutirem essa propriedade da língua, recorrem ao enunciado “Pedro é inteligente”. A escolha do adjetivo *inteligente* favorece uma continuidade como “provavelmente passará no concurso”, enquanto dificulta uma sequência como “logo, não passará no concurso”. O exemplo demonstra que o emprego

ISSN: 2358-8829

de uma palavra estabelece possibilidades de desenvolvimento discursivo, orientando a interpretação do enunciado.

A argumentatividade, nessa perspectiva, não deve ser confundida com a presença de opiniões explícitas ou de estruturas tradicionalmente reconhecidas como argumentativas. Trata-se de uma propriedade que atravessa o funcionamento dos enunciados e pode ser observada em diferentes gêneros discursivos, inclusive naqueles cuja finalidade predominante parece ser informar, descrever ou relatar acontecimentos.
Para compreender o funcionamento da TAL, também é necessário distinguir algumas categorias fundamentais. A frase constitui uma entidade teórica, formulada pelo linguista para explicar as diferentes realizações possíveis; a significação corresponde ao valor semântico da frase; o enunciado representa uma realização concreta dessa estrutura; o sentido corresponde ao valor semântico do enunciado; e a enunciação diz respeito à realização do enunciado. O discurso, por sua vez, constitui uma sucessão de enunciados (Ducrot, 1987, 1988).

Essa distinção permite compreender que a análise semântico-argumentativa não se limita à observação de estruturas abstratas. Seu interesse recai sobre o funcionamento dos enunciados, considerando os efeitos de sentido produzidos pelas escolhas linguísticas e pelas relações estabelecidas entre os elementos que compõem o discurso.

O desenvolvimento da Semântica Argumentativa ocorreu por meio de diferentes reformulações teóricas. De acordo com a sistematização apresentada por Bastos e Nascimento (2023), os estudos da argumentação linguística podem ser organizados em duas grandes fases: a fase Standard, composta por quatro etapas, e a etapa atual, representada pela Teoria dos Blocos Semânticos.

A primeira etapa, denominada Descritivismo Radical, caracteriza-se pela proximidade com as concepções tradicionais de argumentação. Nesse momento, a relação entre argumento e conclusão é explicada a partir dos fatos apresentados no discurso, enquanto a língua fornece os recursos que permitem organizar essa relação. Assim, a argumentação ainda não é concebida como uma propriedade constitutiva do sistema linguístico.

Na etapa seguinte, o Descritivismo Pressuposicional, ocorre um deslocamento na maneira de compreender os elementos envolvidos na argumentação. A pressuposição passa a integrar a análise, permitindo considerar não apenas os conteúdos explicitamente afirmados, mas também aqueles pressupostos pelos enunciados. Embora

ISSN: 2358-8829

represente um avanço em relação à etapa anterior, a argumentação permanece vinculada à dimensão factual dos conteúdos apresentados.

A terceira etapa, denominada Argumentação como Constituinte de Significação, representa uma transformação importante nesse percurso. Anscombre e Ducrot (1994) passam a defender que determinadas construções linguísticas favorecem certas continuações discursivas em detrimento de outras. A argumentatividade, portanto, deixa de ser explicada prioritariamente pelos fatos e passa a ser compreendida como propriedade inscrita na própria significação linguística. É nesse momento que se consolidam os pressupostos da Teoria da Argumentação na Língua e os estudos sobre a polifonia enunciativa.

Na quarta etapa, a Argumentatividade Radical, os estudos avançam com a incorporação da noção de *topos*, entendida como princípios gerais ou crenças compartilhadas que permitem estabelecer relações entre argumentos e conclusões. Essa etapa integra o desenvolvimento da Teoria dos Topoi e representa um momento importante na consolidação da argumentação como dimensão constitutiva da língua.

Posteriormente, Marion Carel e Oswald Ducrot (2005) desenvolvem a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), que aprofunda a compreensão da constituição do sentido por meio das relações argumentativas. Nessa abordagem, o sentido de uma entidade linguística é descrito a partir dos discursos que ela evoca, denominados encadeamentos argumentativos.

Esses encadeamentos estabelecem relações entre segmentos linguísticos por meio de conectores que podem apresentar caráter normativo ou transgressivo. Os primeiros são representados pelo conector *donc* (portanto), enquanto os segundos são associados ao conector *pourtant* (no entanto). No primeiro caso, estabelece-se uma relação argumentativa considerada esperada dentro do bloco semântico; no segundo, apresenta-se uma relação que contraria essa orientação.

Um exemplo pode ser observado nas seguintes construções: “Está com fome, portanto vai procurar comida” e “Está com fome, no entanto não vai procurar comida”. No primeiro caso, a relação estabelecida apresenta uma continuidade normativa: a fome orienta a busca por alimento. No segundo, a continuidade é transgressiva, pois o segundo segmento contraria a orientação inicialmente estabelecida.

A TBS também permite distinguir a argumentação interna e a argumentação externa das entidades linguísticas. A argumentação interna corresponde aos

ISSN: 2358-8829

encadeamentos que constituem o sentido da própria entidade, enquanto a argumentação externa diz respeito às relações argumentativas que se estabelecem com elementos que antecedem ou sucedem essa entidade.

Para a prática de análise linguística, essas contribuições são especialmente relevantes, pois permitem ultrapassar a identificação de conectores e investigar as relações semânticas que eles estabelecem. A compreensão dos aspectos normativos e transgressivos, bem como das argumentações interna e externa, amplia as possibilidades de interpretação do funcionamento discursivo e dos efeitos de sentido produzidos nos textos.

Outro conceito fundamental para a Semântica Argumentativa é a polifonia, desenvolvida por Ducrot (1987, 1988) a partir da crítica à concepção de unicidade do sujeito falante. Em oposição à ideia de que todo enunciado apresenta uma única voz responsável por todos os pontos de vista nele expressos, o autor propõe que diferentes perspectivas podem ser colocadas em cena na constituição de um mesmo enunciado.

A noção de polifonia permite reconhecer que o sujeito responsável pelo discurso pode apresentar posições com as quais se identifica, que aprova, que rejeita ou das quais mantém distanciamento. Dessa maneira, o sentido não resulta necessariamente de uma perspectiva única e homogênea, mas da relação estabelecida entre as diferentes vozes e pontos de vista mobilizados linguisticamente.

Para desenvolver essa compreensão, Ducrot distingue três funções: o sujeito empírico, o locutor e o enunciador. O sujeito empírico corresponde ao produtor efetivo do enunciado; o locutor é aquele a quem se atribui a responsabilidade pelo discurso, conforme as marcas linguísticas presentes; e o enunciador corresponde aos diferentes pontos de vista apresentados no enunciado.

A partir dessas distinções, o autor estabelece dois tipos de polifonia: a de locutores e a de enunciadores. A primeira ocorre quando o enunciado apresenta diferentes responsáveis pelo discurso, como acontece no discurso relatado em estilo direto. A segunda se manifesta quando o locutor coloca em cena diferentes perspectivas, sem que todas sejam necessariamente assumidas como suas.

Nesse último caso, o locutor pode estabelecer diferentes posicionamentos em relação aos enunciadores, como identificação, aprovação, assimilação ou rejeição. A análise dessas relações permite compreender como os sujeitos organizam

ISSN: 2358-8829

linguisticamente os pontos de vista apresentados e constroem determinadas orientações discursivas.

Nascimento (2015) contribui para essa discussão ao investigar a presença da palavra alheia e o funcionamento da polifonia em gêneros acadêmicos e formulaicos. Essa abordagem evidencia que a mobilização de outras vozes não se restringe aos textos literários ou aos discursos explicitamente citados, mas integra diferentes práticas de linguagem.

No ensino de língua portuguesa, a polifonia constitui um objeto particularmente produtivo para a leitura crítica. Em uma notícia, por exemplo, a presença de declarações atribuídas a especialistas, autoridades ou testemunhas permite observar como diferentes vozes são incorporadas ao texto e como o locutor responsável pela organização discursiva estabelece relações com elas. Em um artigo de opinião, por sua vez, a recuperação de posicionamentos contrários pode funcionar como estratégia para apresentar uma objeção, antecipar uma crítica ou reforçar determinado ponto de vista.

Dessa forma, o trabalho com a polifonia permite questionar a ideia de neutralidade absoluta dos discursos e investigar como a pluralidade de vozes participa da produção de sentidos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise linguística assume papel central no ensino de línguas quando compreendida como uma prática de investigação dos recursos que constituem os textos e participam da produção dos sentidos. Nessa perspectiva, o trabalho com a língua não deve se restringir à identificação de categorias gramaticais ou à memorização de nomenclaturas, mas precisa considerar o funcionamento das escolhas linguísticas em situações concretas de interação.

Essa compreensão pressupõe uma articulação entre os diferentes eixos do ensino de língua portuguesa, especialmente leitura, produção textual, oralidade e análise linguística. Em vez de desenvolver conteúdos gramaticais de maneira isolada, o professor pode partir de textos efetivamente utilizados nas práticas sociais para investigar como determinadas construções são empregadas e quais efeitos produzem.

A Semântica Argumentativa contribui para esse processo ao oferecer instrumentos teóricos que permitem analisar a orientação discursiva dos enunciados. Os fenômenos descritos pela TAL possibilitam investigar como os sujeitos mobilizam recursos

ISSN: 2358-8829

linguísticos para construir posicionamentos, apresentar avaliações, estabelecer relações entre argumentos e organizar diferentes perspectivas.

Assim, a análise linguística fundamentada na argumentatividade não se limita à identificação da classificação de determinado elemento. Interessa compreender o funcionamento desse recurso no contexto em que aparece, as relações que estabelece com os demais segmentos e sua participação na construção da interpretação.

Essa abordagem também favorece uma compreensão mais ampla da gramática, uma vez que aproxima os conhecimentos linguísticos das necessidades reais de leitura e produção textual. Ao analisar um artigo de opinião, por exemplo, o estudante pode observar o emprego de operadores argumentativos, modalizadores e mecanismos de retomada de outras vozes, compreendendo como esses recursos participam da construção da posição defendida pelo autor.

A reflexão linguística passa, portanto, a considerar as relações entre os aspectos formais, semânticos e discursivos, contribuindo para que o estudante compreenda a língua como um sistema em funcionamento, cujos elementos produzem efeitos de sentido nas diferentes situações comunicativas.

A incorporação da argumentação ao ensino de língua portuguesa encontra respaldo nas orientações curriculares que defendem a participação dos estudantes em diferentes práticas de linguagem. A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) contempla o desenvolvimento de capacidades relacionadas à leitura crítica, à produção de textos, à argumentação e à participação social, considerando as diferentes situações de comunicação e os campos de atuação.

Nesse sentido, a argumentação não deve ser trabalhada exclusivamente como conteúdo associado à redação dissertativo-argumentativa ou à preparação para exames seletivos. Seu desenvolvimento envolve a compreensão das formas pelas quais os sujeitos constroem e compartilham posicionamentos nos diferentes gêneros discursivos.

A contribuição da Semântica Argumentativa para esse cenário está na possibilidade de examinar os mecanismos linguísticos que materializam essas orientações. Ao reconhecer que a argumentatividade atravessa diferentes gêneros, o professor pode ampliar as situações de aprendizagem e desenvolver um trabalho de análise que contemple textos jornalísticos, publicitários, acadêmicos, literários, políticos e digitais.

ISSN: 2358-8829

A análise desses materiais permite observar que os sentidos não são produzidos apenas pelos conteúdos apresentados, mas também pela maneira como são organizados linguísticamente. A escolha de determinados termos, o emprego de operadores, a utilização de modalizadores e a incorporação de diferentes vozes interferem na orientação discursiva dos textos.

Portanto, a aproximação entre os documentos curriculares e a Semântica Argumentativa possibilita compreender a argumentação como uma dimensão transversal do ensino de línguas. Seu desenvolvimento exige práticas que levem o estudante a observar, comparar, interpretar e avaliar as escolhas linguísticas realizadas nos textos.

Entre os fenômenos descritos pela Semântica Argumentativa, os operadores argumentativos constituem um objeto relevante para a análise linguística, pois estabelecem relações entre segmentos do discurso e orientam a interpretação dos enunciados. Elementos como *mas*, *porque*, *portanto*, *além disso* e *embora* participam da construção de diferentes relações argumentativas, como contraposição, justificativa, conclusão e adição. Seu funcionamento, portanto, não se limita à conexão entre orações, uma vez que interfere na organização discursiva e na produção dos sentidos.

Outro fenômeno importante é a modalização discursiva, por meio da qual o locutor manifesta seu posicionamento em relação ao conteúdo enunciado, expressando certeza, possibilidade, necessidade ou avaliação. Conforme Nascimento (2018), os modalizadores constituem índices de argumentatividade, pois revelam diferentes graus de comprometimento do locutor com aquilo que apresenta. Expressões como *certamente*, *possivelmente*, *é necessário* e *infelizmente* assumem funções relevantes na construção dos posicionamentos, especialmente em gêneros acadêmicos, jornalísticos e opinativos.

A polifonia, por sua vez, permite investigar a presença de diferentes vozes e perspectivas nos textos, contribuindo para a compreensão dos discursos relatados e das relações estabelecidas entre o locutor e os pontos de vista mobilizados. Já a impessoalidade pode ser examinada a partir das escolhas enunciativas e dos efeitos de distanciamento produzidos por determinadas construções, como aquelas formadas pelo verbo *ser* seguido de predicativo, pela voz passiva e por construções com o pronome *se*. Essas formas podem produzir efeitos de generalização e distanciamento, sem que isso signifique ausência de posicionamento.

ISSN: 2358-8829

A análise articulada desses fenômenos permite compreender que os recursos linguísticos participam da construção dos sentidos e da orientação argumentativa dos textos. Essa perspectiva pode ser mobilizada na investigação de diferentes gêneros discursivos. Nos textos jornalísticos, por exemplo, operadores, modalizadores e vozes incorporadas contribuem para a apresentação dos acontecimentos e dos posicionamentos. Nos gêneros publicitários e nas charges, os elementos verbais e visuais articulam-se na construção de avaliações, críticas e estratégias de persuasão. Já nos gêneros acadêmicos e escolares, a análise pode contemplar os mecanismos de modalização, as construções impessoais e os recursos responsáveis pela organização dos argumentos.

A pesquisa desenvolvida por Felix (2022), ao investigar a argumentação em debates políticos, também evidencia a produtividade dessa abordagem para a compreensão de discursos socialmente relevantes. A análise dos operadores argumentativos e dos encadeamentos construídos pelos participantes permite observar como diferentes pontos de vista são mobilizados e como os recursos linguísticos orientam a interpretação dos interlocutores.

No contexto escolar, as contribuições da Semântica Argumentativa podem fortalecer a articulação entre leitura, produção textual e análise linguística. Na leitura, o reconhecimento dos operadores, dos modalizadores e dos mecanismos polifônicos amplia as possibilidades de interpretação, permitindo identificar posicionamentos explícitos e implícitos, reconhecer diferentes vozes e compreender as relações de sentido estabelecidas nos textos. Na produção textual, esses conhecimentos favorecem a compreensão de como as escolhas linguísticas interferem na organização dos argumentos, na progressão discursiva e no grau de comprometimento assumido pelo locutor.

Desse modo, a incorporação da Semântica Argumentativa ao ensino não deve resultar na aplicação mecânica de classificações, mas na reflexão sobre o funcionamento da língua em situações concretas de interação. Ao considerar a relação entre estrutura, sentido e discurso, a análise linguística contribui para que os estudantes compreendam não apenas o que os textos dizem, mas também como os recursos linguísticos participam da construção dos posicionamentos e orientam seus efeitos de sentido.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão evidenciou a relevância da Semântica Argumentativa para a compreensão do funcionamento da língua e para o desenvolvimento de práticas de análise linguística. Ao considerar a argumentatividade como constitutiva da organização linguística, a Teoria da Argumentação na Língua oferece instrumentos para compreender como as escolhas linguísticas orientam a produção dos sentidos.

O percurso teórico demonstrou que os estudos de Ducrot e seus colaboradores deslocaram a compreensão da argumentação para o próprio funcionamento da língua. Nesse contexto, fenômenos como operadores argumentativos, modalização, polifonia e impessoalidade permitem analisar os posicionamentos e as diferentes perspectivas construídas nos discursos.

No ensino, essa abordagem contribui para superar práticas centradas exclusivamente na classificação de estruturas gramaticais, favorecendo a reflexão sobre a relação entre forma, sentido e discurso. Sua aplicação a diferentes gêneros amplia as possibilidades de leitura e análise linguística, sem restringir o trabalho com a argumentatividade aos textos dissertativo-argumentativos.

Conclui-se que a Semântica Argumentativa oferece contribuições significativas ao ensino de língua portuguesa, especialmente quando articulada à leitura e à produção textual. Ao compreender os mecanismos linguísticos que orientam os sentidos, os estudantes podem desenvolver maior autonomia na interpretação e na produção de discursos.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, Jean-Claude; DUCROT, Oswald. *La argumentación en la lengua*. Versión española de Julia Sevilla e Marta Tordesillas. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

ARISTÓTELES. *Retórica*. São Paulo: Rideel, 2007.

BARBISAN, Leci Borges. Semântica argumentativa. In: FERRAREZI JUNIOR, Celso; BASSO, Renato (org.). *Semântica, semânticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 19-30.

BASTOS, Ana Carolina Vieira; NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A contribuição da teoria da argumentação na língua, de Oswald Ducrot e colaboradores, para os estudos da argumentação. In: PIRIS, Eduardo Lopes; GRÁCIO, Rui Alexandre (org.). *Introdução às teorias da argumentação*. Campinas: Pontes Editores, 2023. p. 269-303.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la Teoría de los Bloques Semánticos*. Tradução e organização de María Marta García Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005.

CAREL, Marion. A enunciação linguística: funções textuais, modos enunciativos e argumentações enunciativas. In: BEHE, L.; CAREL, M.; DENUC, C.; MACHADO, J. C. (org.). *Curso de Semântica Argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 353-375.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. *Polifonia y argumentación: conferencias del Seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso*. Cali: Universidad del Valle, 1988.

DUCROT, Oswald. Argumentação retórica e argumentação linguística. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

GOMES, L.; LEBLER, C. D. C. Os conceitos de aspecto (normativo e transgressivo) e de argumentação (interna e externa). In: BEHE, L.; CAREL, M.; DENUC, C.; MACHADO, J. C. (org.). *Curso de Semântica Argumentativa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 89-104.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Jogando com as vozes do outro: a polifonia-recurso modalizador na notícia jornalística. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A polifonia nos gêneros acadêmicos e formulaicos: a construção de sentidos a partir da evocação da palavra alheia. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. 3, p. 342-351, jul./set. 2015.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. A modalização discursiva como índice de argumentatividade nos gêneros acadêmicos. *Fórum Linguístico*, v. 15, p. 3357-3372, 2018.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. Polifonia enunciativa: fenômeno semântico-argumentativo. In: CARREIRA, R. A. R.; OLIVEIRA, W. F.; ELIAKIM, J. *Discurso em perspectiva*. São Paulo: Blucher, 2022. p. 165-195.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.